

# AS REPRESENTAÇÕES ARQUETÍPICAS DA GRANDE MÃE E DA MULHER SELVAGEM NO CONTO DE FADAS “VASILISA, A BELA”: UMA ABORDAGEM JUNGUIANA



<https://doi.org/10.22533/at.ed.111112517038>

*Data de aceite: 02/05/2025*

**Adriana Xavier Dias Da Silva**

**Débora Matos Alauk**

**João Vitor Parente**

**Patrícia Aparecida Teixeira Buzalski**

Mitos são aquilo que os seres humanos têm em comum, são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos(...) São metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. (Joseph Campbell) (Joseph Campbell)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar conto de fadas “Vasilisa, a Bela” tendo como base a abordagem da Psicologia Analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung, com especial enfoque nas representações arquetípicas da Grande Mãe e da Mulher Selvagem. Nesse contexto, estabelece-se como problema de pesquisa a seguinte pergunta: Como se organizam, constituem e relacionam as representações

arquetípicas da Grande Mãe e da Mulher Selvagem teorizado por Jung no conto “Vasilisa, a Bela”? Partindo da premissa de que os arquétipos são expressões simbólicas universais provenientes do inconsciente coletivo, a pesquisa propõe-se a compreender como essas figuras simbólicas se manifestam na narrativa do conto russo. A metodologia adotada consiste em uma análise qualitativa interpretativa baseada em referenciais teóricos Hillman (1992) ; Estés (1994); Nash (2007); Jung (2007); Seberna (2010); Feist, Feist e Robert (2015); Franz (2016); Souza Bruni; Anaz (2020) e Neumann (2021) no que se refere aos estudos da Psicologia Analítica, em especial aos conceitos tratados e relações entre a mitologia e os arquétipos da Grande Mãe e da Mulher Selvagem. Nesse contexto, a análise evidencia a presença dual da Grande Mãe nas figuras da madrasta e da bruxa Baba Iaga (como forças destrutivas), e da boneca mágica (como força nutritiva), representando os aspectos ambivalentes do arquétipo. Além disso, a personagem Vasilisa ilustra o processo de iniciação psíquica feminina, em que a intuição – característica essencial da Mulher Selvagem – é gradualmente

1. CAMPBELL, Joseph & MOYERS, Bill. O poder do mito. 1990.

despertada. Os resultados obtidos revelam que o conto simboliza um percurso de autoconhecimento e amadurecimento emocional da protagonista, oferecendo um rico campo para o estudo da simbologia junguiana nos contos de fadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia Analítica, Arquétipo, Grande Mãe, Mulher Selvagem, conto de fadas, Vasilisa, mitologia.

## THE ARCHETYPAL REPRESENTATIONS OF THE GREAT MOTHER AND THE WILD WOMAN IN THE FAIRY TALE “VASILISA THE BEAUTIFUL”: A JUNGIAN APPROACH

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the fairy tale “Vasilisa the Beautiful” through the lens of Analytical Psychology developed by Carl Gustav Jung, focusing specifically on the archetypal representations of the Great Mother and the Wild Woman. The central research question is: How are the archetypal representations of the Great Mother and the Wild Woman, as theorized by Jung, structured and interrelated in the tale “Vasilisa the Beautiful”? Based on the premise that archetypes are universal symbolic expressions from the collective unconscious, this study seeks to understand how these symbolic figures manifest in the narrative of the Russian tale. The adopted methodology is a qualitative interpretative analysis grounded in the theoretical frameworks of Hillman (1992), Estés (1994), Nash (2007), Jung (2007), Seberna (2010), Feist, Feist and Robert (2015), Franz (2016), Souza Bruni, Anaz (2020), and Neumann (2021), with particular emphasis on the concepts of Analytical Psychology and the relationships between mythology and the archetypes of the Great Mother and the Wild Woman. The analysis reveals the dual aspect of the Great Mother archetype, present in the stepmother and the witch Baba Yaga (as destructive forces), and the magical doll (as a nurturing force). Additionally, the protagonist Vasilisa embodies the feminine psychic initiation process, where intuition – a key trait of the Wild Woman – gradually awakens. The results indicate that the tale symbolises a journey of self-knowledge and emotional maturation, offering a rich field for Jungian symbolic analysis in fairy tales.

**KEYWORDS:** Analytical Psychology, Archetype, Great Mother, Wild Woman, Fairy Tale, Vasilisa, Mythology.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswill, em uma vila Lake Constance situada na Suíça. Jung foi um psiquiatra suíço e psicanalista a princípio sendo discípulo de Sigmund Freud. No entanto, Jung se divergiu com os estudos de Freud, seguindo seu próprio percurso acadêmico. Nesse sentido, o pesquisador se dedicou os seus estudos em populações nativas e participou em expedições antropológicas e arqueológicas. Considerando a vasta obras do autor, elencam-se: Símbolos da transformação (1912), Os arquétipos e o inconsciente (1934) e O homem e seus símbolos (1964).

Os símbolos e mitos mais conhecidos são oriundos do inconsciente coletivo os quais são compartilhados universalmente. Dessa forma, Jung salientava que os símbolos são provenientes de memórias hereditárias que ao decorrer dos anos passam de gerações a gerações e sofrem mudanças de acordo com contexto cultural da época. Portanto,

essas memórias herdadas que podem surgir na psique humana por meio da linguagem de símbolos que são denominados como arquétipos.

Nesse contexto, este trabalho apresenta como pergunta de pesquisa: Como se organizam, constituem e relacionam as representações arquetípicas da Grande Mãe e da Mulher Selvagem teorizado por Jung no conto “Vasilisa, a Bela”? Dessa maneira, a pesquisa tem por objetivo geral analisar o conto de fadas “Vasilisa, a Bela” diante de uma perspectiva junguiana, em especial as representações arquetípicas da Grande Mãe e da Mulher Selvagem.

Para atingir o objetivo geral, estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e discutir a estrutura e conceito do arquétipo conforme Jung;
- Compreender a relação a importância da mitologia para construção das representações arquetípicas;
- Analisar, compreender, refletir acerca da construção do arquétipo da Grande Mãe e da Mulher Selvagem estabelecido no conto de fadas.

Diante desse exposto, esta pesquisa se justifica pela necessidade de investigar o conto de fadas em uma abordagem junguiana, percebendo a relevância teórica para o entendimento dos arquétipos. Nesse contexto, a base teórica adotada foi Hillman (1992); Estés (1994); Nash (2007); Jung (2007); Sebernna (2010); Feist, Feist e Robert (2015); Franz (2016); Souza Bruni; Anaz (2020) e Neumann (2021) no que se refere aos estudos da Psicologia Analítica, em especial aos conceitos tratados e relações entre a mitologia e os arquétipos da Grande Mãe e da Mulher Selvagem.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, compreende-se o conceito da relação entre a mitologia e o conceito de arquétipo proposto pela Psicologia Analítica teorizado por Jung seguindo os autores: Hillman (1992); Nash (2007); Feist, Feist e Robert (2015); Franz (2016); Souza Bruni; Anaz (2020) e Neumann (2021).

### Mitologia e arquétipos

A Psicologia Analítica fundamentando por Carl Gustav Jung refere-se à “uma imagem interior em operação na psique humana. A expressão simbólica desse fenômeno psíquico são as figuras e as imagens da Grande Deusa, reproduzidas nas criações artísticas e nos mitos da humanidade.” (NEUMANN, p. 19, 2021)

Platão (427-347 a.C.) em sua teoria das Ideias, ou Formas, lança a tese que os seres humanos participam de dois mundos diferentes: o mundo das ideias (superior) e mundo material (inferior). Dessa maneira, o mundo das ideias são os projetos iniciais e o superior é composto de essência imaterial e eterna que apreendemos com nossas mentes. Já o mundo físico, existem no espaço e tempo. (NASH, 2007)

Assim sendo, postulou que todos os objetos têm uma “forma” ou estrutura “ideal”. Em particular, ele ensinou que estas “formas” são objeto de matemática pura ou outro conhecimento conceitual. Carl Jung (1875-1961) utilizou este conceito de Platão na sua teoria dos arquétipos “ nada mais é do que uma expressão já existente na Antiguidade, sinônimo de ‘ideia’ no sentido platônico.” (JUNG, p. 87, 2000)

Conforme o autor, o arquétipo e seus efeitos podem ser observados e analisados no decorrer de toda história da humanidade presentes nos mitos, nos símbolos e rituais. Nesse contexto, Neumann (2021, *idem*) compreende que

A dinâmica, o efeito do arquétipo, manifesta-se entre outros por processos energéticos no interior da psique, processos esses que operam tanto inconsciente como entre o inconsciente e a consciência. Esse efeito aparece, por exemplo, em emoções negativas e positivas, em fascinações e projeções e também no medo; além disso, no sentimento de que o ego está sendo subjugado e nos estados maníacos e de depressão. Cada um desses estados, quando se apodera da personalidade como um todo, representa o efeito dinâmico de um arquétipo, independentemente do fato e esse efeito ser aceito ou rejeitado pela consciência humana, de permanecer inconsciente ou de alcançar a consciência.

Esse simbolismo presente no arquétipo é manifestado por margens psíquicas específicas as quais são percebidas pela consciência e peculiares dependendo de cada arquétipo. Portanto, o símbolo pode ser visto como componente dinâmico e material assim abrange a personalidade humana estimulando a consciência e interpretação desses arquétipos. (NEUMANN, 2021).

Para Anaz (2020, p. 255), relaciona-se assim como os outros autores o arquetípico com as criações artísticas e narrativas, pois

O arquétipo, enquanto fenômeno psíquico, materializa-se quando é expresso simbolicamente nas criações artísticas e narrativas. Ele manifesta-se como imagens psíquicas específicas e peculiares cujo conteúdo significativo é apreendido pela consciência. É necessário, portanto, compreendê-lo em dois âmbitos: o do arquétipo em si, que é irrepresentável, pois ocorre no nível do inconsciente da mente humana; e das imagens simbólicas ou arquetípicas

Feist, Feist e Robert (2015) estabelece que os arquétipos são considerados imagens antigas oriundos do inconsciente coletivo, podendo ser similares aos complexos e suas imagens estão relacionadas com a emoção. Entretanto, os complexos correspondem ao inconsciente pessoal, em contrapartida, os arquétipos derivam dos conteúdos do inconsciente coletivo.

De acordo com Jung, os mitos compartilhados agem como uma espécie de memória coletiva oriundo de ideias preservadas e da estrutura atemporal da psique humana. Considerando esse fato, Sebernna (2010, p. 49) conforme os pressupostos teóricos de Hillman (1992), estabelece-se que os padrões arquetípicos estão relacionados com as estruturas básicas e universais da psique. Portanto, “esse conceito foi elaborado por Jung a partir da observação de muitos temas repetidos em mitologias, contos de fada, literatura universal e nos sonhos e fantasias de seus pacientes.”

Nessa direção, o autor (1992) observou que as imagens que apareciam se relacionavam, principalmente, com situações comuns da existência humana, tais como: o nascimento, a iniciação social, o relacionamento sexual, afetivo e perdas, entre outros.

Para Franz (2016, p.9), os contos de fadas são considerados como “expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo”. Nesse sentido, as imagens arquetípicas estabelecem uma compreensão para compreender a psique coletiva. Nesse contexto, o autor (2016, p. 9) esclarece que o mito, lendas ou qualquer material mitológico apresentam estruturas básicas presentes na psique humana. Todavia, “nos contos de fada existe um material cultural consciente muito menos específico e, consequentemente, eles espelham mais claramente as estruturas básicas da psique”.

De acordo com Souza Bruni (2016), os contos estão relacionados com o mundo inconsciente, por isso, eles representam as imagens arquetípicas. Nesse contexto, considerando uma abordagem junguiana, os contos de fadas estabelecem a linguagem da humanidade e trazem representações dos complexos por meio de suas narrativas que perpassam o tempo.

Na próxima seção, verificam-se os conceitos relativos ao arquétipo da Grande Mãe.

## **O arquétipo da Grande Mãe**

Nesta seção, apresenta-se os conceitos teóricos no que se refere ao arquétipo da Grande Mãe conforme os seguintes autores: Jung (2007); Seberna (2010); Feist, Feist e Roberts (2015) e Neumann (2021);

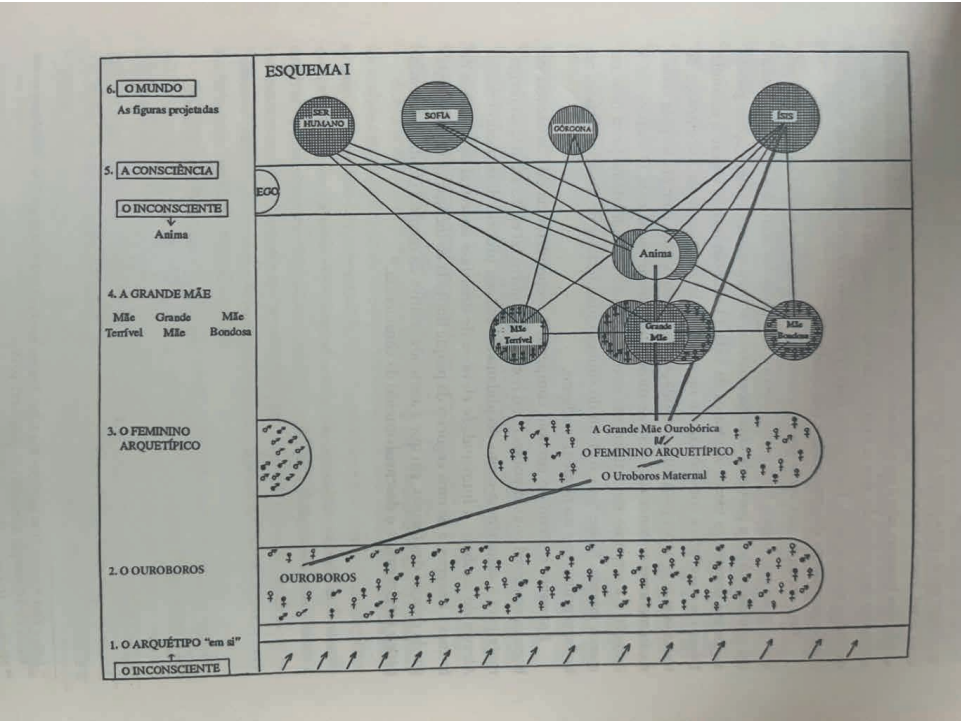
Conforme Neumann (2021), a terminologia “Grande Mãe” refere-se, respectivamente, ao caráter simbólico de superioridade e a condição psíquica do ego. Esse conceito de Grande Mãe é advindo da História das Religiões e aborda diferenças simbologias e manifestação do tipo Deusa-Mãe. Nesse contexto, a função do caráter elementar do Feminino é de “nutrir e proteger, manter aquecido e carregar no colo” (NEUMANN, 2021, p.45). Diante deste exposto, Neumann (2021) estabelece que a Grande Mãe contribui para o desenvolvimento do ego da consciência do indivíduo.

Para o pesquisador, as imagens simbólicas que representam a pluralidade da “Grande mãe” que foram difundidas por meios dos hábitos, dos mitos, os rituais, das religiões das fábulas em forma de demônios femininos, ninfas, fadas e deusas e entendam-se graciosas ou malévolas na história da humanidade em linguagem figurativa.

De acordo com Jung (2007, p. 92), a maternidade está associada com “elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis (...)”. Esses atributos estão presentes no arquétipo da “Grande Mãe”.

Em consoante a esse ponto, Seberna (2010, p. 78) afirma que o padrão arquetípico materno presente “na psique, há a imagem da mãe, existindo então uma vontade ou impulso para comportamentos e atitudes de cuidado a outras pessoas e, desse modo, uma tendência a perceber o mundo sob a ótica do cuidado.”

No Quadro 1, verificam-se as relações do feminino arquetípico configurado por Neumann (2021):



**Quadro 1- O feminino arquetípico**

**Fonte:** NEUMANN (2021, p.32)

No quadro acima, ressalta-se apenas um aspecto pertinente para este estudo que é o arquetípico da Grande Mãe que pode ser visto por duas perspectivas: mãe terrível e mãe bondosa as quais estão relacionadas com a Anima que se refere a mulher primitiva.

Para Feist, Feist e Roberts (2015), os arquétipos da grande Mãe e o velho sábio correspondem, respectivamente, ao da anima e do animus. Dessa maneira, tanto os homens e as mulheres apresentam um arquétipo da grande mãe o qual pode estar relacionada com sentimentos positivos e negativos. Em síntese, de acordo com os pesquisadores (2015, p.76), o arquétipo da grande mãe

representa duas forças opostas – fertilidade e nutrição, por um lado, e força e destruição, por outro. Ela é capaz de produzir e manter a vida (fertilidade e nutrição), mas também pode devorar ou negligenciar sua prole (destruição). Lembre-se de que Jung viu sua própria mãe como tendo duas personalidades: uma amorosa e alimentadora; e outra misteriosa, arcaica e implacável.

A Grande mãe pode ter duas vertentes contrastantes. Por um lado, a fertilidade e nutrição e por outro a destruição. Desse modo, os pesquisadores (2015, p.76) afirmam que a dimensão de fertilidade pode ser representada por diversas imagens, tais como: “por uma árvore, um jardim, um campo arado, o mar, o paraíso, uma casa, um país, uma igreja e objetos ocultos, como fornos e utensílios de cozinha.” Em contraste, a Grande mãe que representa a destruição pode ser simbolizada como “uma madrinha, a Mãe de Deus, a Mãe Natureza, a Mãe Terra, uma madrasta ou uma bruxa”.

Nessa direção, segundo os postulados de Jung (1954/1959), a perspectiva da mãe amorosa e terrível está equivocada, pois as características dessa mãe não são advindas dela, mas sim projetada, isso configura um background mitológico.

Considerando esses apontamentos, pode-se salientar que os autores (2015) afirmam que os mitos, lendas, crenças religiosas entre outras obras estão com vários elementos que simbolizam a Grande mãe no aspecto de uma pessoa alimentadora ou destruidora.

Na próxima seção, estabelece-se a análise do conto selecionado como *corpus* desta pesquisa diante uma proposta analítica sob uma perspectiva junguiana.

## **ANÁLISE DO *CORPUS*: O ARQUETÍPICO DA GRANDE MÃE**

“Vasilisa, a bela” escrito por Aleksandr Afanasev é conto russo que apresenta um híbrido de duas histórias conhecidas como Cinderela e João e Maria por demonstrar a perda e o abandono. Vasilisa é uma jovem moça que após da morte prematura da mãe ganha uma boneca abençoada e mágica que a ajuda a enfrentar as ameaças das antagonistas os quais são a madrasta e a Baba Iaga, uma bruxa canibal que vive em uma choupana construída por ossos humanos. Diante disso, a personagem principal graças a bênção da boneca consegue se livrar das dificuldades e se casar com czar.

O arquétipo da Grande Mãe é estabelecido de modo diferente nas seguintes personagens: a boneca mágica, a madrasta e a Baba Iaga como é visto no (Quadro 2). Em geral, todas elas contribuem para o processo de iniciação psíquica feminina e intuitiva vivenciado pela protagonista característico do arquétipo da Mulher Selvagem o qual será discutido posteriormente.

Arquétipo	Personagem	Função
Grande mãe	Madrasta da Vasilisa	Exerce a função de ameaça, inveja e descuido com a protagonista.
	Boneca	Objeto mágico estabelece proteção, cuidado e zelo nos conflitos enfrentados pela personagem principal.
	Mãe boa demais	Morte prematura e deixou como herança uma boneca mágica.
	Baba Iaga	Apresenta uma figura maléfica, de autoridade e ameaça a vida de Vasilisa.

**Quadro 2** - As personagens que representam o arquétipo da Grande mãe e sua função

**Fonte:** elaborado pelos autores

No Quadro 2, há a representação e importância da função do arquétipo da Grande Mãe para o desenvolvimento da protagonista. A seguir, verifica-se o Quadro 3 que configura as duas vertentes do arquétipo da Grande Mãe.

Grande Mãe – força e destruição	Grande Mãe- fertilidade e nutrição
<b>Madrasta</b> – inveja, ódio, autoridade.	<b>Boneca</b> – Consolação, cuidado, zelo e amor.
<b>Bruxa Baba Iaga</b> - ameaça, autoridade.	<b>Mãe biológica</b> - Deixou sob cuidados da boneca.

**Quadro 3** – Representações do arquétipo da Grande Mãe

**Fonte:** elaborado pelos autores

Nesse sentido, os dois quadros (2,3) destacam a relevância de compreender a função arquetípica das personagens e suas relações presentes no *corpus* selecionado.

Na próxima seção, abordam-se as questões relativas a constituição do arquétipo da Mulher Selvagem.

### A iniciação da psique feminina de Vasilisa: o arquétipo da Mulher Selvagem

A constituição do arquétipo da Mulher Selvagem é estabelecida por Clarissa Estés (1994, p.71) em que analisa diversos contos de fadas por meio de uma abordagem junguiana. Nesse contexto, o conto a “Vasilisa, a bela” configura o instinto básico da Mulher Selvagem que é a intuição.



Vasalisa é uma história da transmissão da bênção do poder da intuição das mulheres de mãe para filha, de uma geração para a outra. Esse enorme poder, o da intuição, tem a rapidez de um raio e é composto de visão interior, audição interior, percepção interior e conhecimento interior.

Durante gerações a fio, esses poderes intuitivos transformaram-se em correntes subterrâneas dentro das mulheres, enterradas pelo descrédito e pela falta de uso. No entanto, Jung uma vez observou que nada jamais se perde na psique.

De acordo com a autora, esclarece-se que o conto russo retrata a iniciação de uma mulher, pois a narrativa retrata da autopercepção da protagonista que recorre diversas vezes a sua intuição e instintos até mesmo para o entendimento dos ciclos da vida e da morte. Considerando esse aspecto, a estudiosa (1994, p. 85 – 86) complementa que

A história de Vasalisa é contada na Rússia, na Romênia, na Iugoslávia, na Polônia e em todos os países bálticos. Ela às vezes é intitulada “A boneca”; às vezes, “Wassilissa, a sabida”. Encontramos indícios de suas raízes arquetípicas até pelo menos o tempo dos cultos das antigas deusas-cavalo que antecederam a cultura grega clássica. É um conto que traz um mapeamento psíquico antiqüíssimo acerca da indução no mundo subterrâneo do selvagem Deus-fêmea. Ele fala de como infundir nas mulheres o poder instintivo básico da Mulher Selvagem: a intuição.

A intuição configura o arquétipo da Mulher Selvagem que pode se relacionar com a Grande Mãe como é a proposta desta pesquisa. Nesse sentido, para a autora (1994, p. 92), o conto “é uma história da transmissão da bênção do poder da intuição das mulheres de mãe para filha, de uma geração para a outra. Esse enorme poder, o da intuição, tem a rapidez de um raio e é composto de visão interior, audição interior, percepção interior e conhecimento interior.” Em uma perspectiva junguiana esses poderes intuitivos não serão perdidos.

Conforme Estés(1994), a protagonista faz à iniciação intuito por meio de cumprimentos nove tarefas. Nesse contexto, a personagem principal precisa se concentrar na aprendizagem dos hábitos da Velha Mãe Selvagem com o objetivo de reinstalar a sua psique e configura o arquétipo da Mulher Selvagem “mulher que sabe”.

Tarefas	Constituição do arquétipo da Mulher Selvagem	Constituição do arquétipo da Grande Mãe
<b>Primeira Tarefa:</b> permitir a morte da mãe- boa- demais	Morte precoce da mãe -boa-demaís para renascer uma nova mulher que condiz com a amadurecimento da protagonista	A boneca transmite o consolo, cuidado, alimento, bênção e ajuda indispensáveis nas tarefas domésticas.
<b>Segunda tarefa:</b> denunciar a natureza sombria	O mundo detestável da família da madrastra o que leva a personagem central compreender que agir de maneira amistosa não fará o mundo mais agradável, por isso, ela precisa vivenciar a própria natureza sombria.	A madrastra apresenta a mãe negativa da destruição o que motiva a protagonista se guiar pela intuição e transcender.
<b>Terceira tarefa:</b> navegar nas trevas	Corresponde a iniciação profunda ao se depara na aventura até a choupana da Baba laga e aprender as seguintes tarefas: desenvolver a sensibilidade ao inconsciente misterioso, aprender a retomar o caminho da Mãe Selvagem. “Aprender a nutrir a intuição (alimentar a boneca). Deixar que a mocinha frágil e ingênua morra ainda mais. Transferir o poder para a boneca, ou seja, para a intuição”. (ESTES, p.101, 1994)	Baba laga demonstra uma ameaça latente e suas ordens praticamente impossíveis para serem cumpridas são realizadas devido a boneca. A bruxa canibal é uma antagonista que estimula ainda mais o processo psíquico da protagonista de compreender a nova realidade, enfrentá-la e servir a bruxa canibal.
<b>Quarta tarefa:</b> encarar a Megera Selvagem	A protagonista inicia a tarefa de encarar os desafios estabelecidos pela Baba laga.	
<b>Quinta tarefa:</b> servir o não-racional	A troca do fogo por meio de serviços domésticos ordenados pela Baba Yaga. Para a autora (1993, p.109), “chegar a reconhecer o poder dela (o seu poder) e os poderes das purificações interiores; limpar, escolher, alimentar, criar energia e ideias (lavar as roupas da Yaga, cozinhar para ela, limpar sua casa e separar os elementos)”.	
<b>Sexta tarefa:</b> tarefas psíquicas complexas	Nesse momento da narrativa, Baba laga exige a Vasilisa duas tarefas psíquicas complexas.	
<b>Sétima tarefa:</b> questionamento sobre os mistério e êxito em completar as tarefas solicitadas pela Baba laga	A protagonista tenta aprender mais a respeito da natureza vida-morte-vida que é ensinado por Baba laga, pois isso faz parte do ciclo.	Baba laga demonstra inteligência e destreza que mesmo sendo desprezível faz algumas colocações pertinentes a personagem principal.
<b>Oitava tarefa:</b> Baba Yaga sente repulsa pela bênção da mãe falecida e dá a Vasilisa a luz	A protagonista apresenta uma maior autonomia e mesmo ela sendo abençoada pela mãe e isso causou repulsa a antagonista.	Baba laga expulsa a protagonista, configurando a mãe má.
<b>Nona tarefa:</b> Vasilisa volta para casa com a caveira incandescente na vara	Vasilisa completa a o processo de iniciação plena ao pegar o fogo dado por Baba laga. Essa luz ocasionou a morte da megera da madrastra e de suas irmãs postíças.	Baba laga oferece o fogo para Vasilisa que retorna para a casa. Essa atitude da bruxa promove a autonomia para a protagonista.

**Quadro 4 – Constituição do arquétipo da Mulher Selvagem e a Grande Mãe**

**Fonte:** Adaptado ESTES, 1994

Elaborado pelos autores

Para Estés (1994, p.102), a simbologia da boneca no decorrer do conto está vinculado

aos símbolos do duende, do elfo, da fada e dos anões. Nos contos de fadas, eles representam uma profunda pulsação de sabedoria dentro da cultura da psique. São eles aquelas criaturas que continuam o trabalho interior e prudente, que são incansáveis. Eles estão trabalhando mesmo quando nós adormecemos, e especialmente quando estamos dormindo, mesmo quando não temos plena consciência do papel que estamos desempenhando.

Boneca representa o interior da mulher, isto é, a voz da razão, do conhecimento e da conscientização íntima.

A iniciação da psique feminina é configurada pela vasta experiência adquirida pela protagonista que tolerou todas as exigências incansáveis de Baba Iaga e conseguiu realizar todas as tarefas com objetivo de atingir a sua iniciação plena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o problema de pesquisa estabelecido: Como se organizam, constituem e relacionam as representações arquetípicas da Grande Mãe e da Mulher Selvagem teorizado por Jung no conto “Vasilisa, a Bela”? No *corpus* selecionado, foi possível identificar, relacionar e discutir esses arquetípicos em uma abordagem junguiana, demonstrando a importância dos contos de maravilhosos e contos de fadas para o entendimento dos arquétipos.

O arquétipo da Grande Mãe simbolizado pela mãe alimentadora que pode ser visto na boneca mágica e na mãe falecida de Vasilisa contribuíram para a personagem central enfrentar os obstáculos estabelecidos pela madrasta e pela bruxa Baba Iaga os quais correspondem a mãe destruidora. Essas personagens auxiliam no desenvolvimento da iniciação intuitiva e instintiva da protagonista. Nesse sentido, a personagem central precisa realizar tarefas o que configura seu o arquetípico da Mulher Selvagem.

As imagens arquetípicas presentes na mitologia, nos contos maravilhosos, nas obras literárias entre outras são simbologias e narrativas correspondentes do inconsciente coletivo demarcam a história da humanidade.

## ANEXO

### Vasilisa, a bela (Aleksandr Afanasev)

Era uma vez um rico negociante que vivia num reino distante. Embora tivesse sido casado por doze anos, tinha só uma filha, e ela era chamada Vasilisa, a Bela. Quando Vasilisa tinha oito anos, sua mãe adoeceu. Chamou a filha para junto de si, tirou uma boneca de debaixo da coberta e deu-a à menina, dizendo: “Ouça, Vasilisuchka. Preste atenção às minhas últimas palavras e lembre-se do que vou lhe dizer. Estou morrendo e

tudo que posso deixar para você é minha benção de mãe, com esta boneca. Leve a boneca aonde quer que você vá, mas não mostra a ninguém. Se estiver em apuros, basta lhe dar um pouco de comida e aguardar seu conselho. Depois de comer, ela lhe dirá o que fazer: “A mãe deu na filha um beijo de despedida e morreu.

Após a morte da mulher, o negociante cumpriu o luto da maneira adequada e começou então a pensar em se casar de novo. Era um homem bonito e não lhe era nada difícil encontrar noiva, mas preferiu uma certa viúva. Essa viúva tinha duas filhas quase da mesma idade de Vasilisa, e o negociante achou que ela daria uma boa dona de casa e uma boa mãe. Assim casou-se com ela, mas estava errado, pois a mulher não se revelou boa mãe para Vasilisa.

Vasilisa era a menina mais bonita de toda a aldeia, e a madrasta e as irmãs postiças tinham inveja de sua beleza. Atormentavam-na, dando-lhe todo tipo de trabalho para fazer, na esperança, de que ficasse esquelética de tanto mourejar e com a pele queimada e gretada pela exposição ao vento e ao sol. E, de fato, Vasilisa levava uma vida desgraçada. Mas suportava tudo sem queixas e tornava-se mais encantadora a cada dia, enquanto a madrasta e as irmãs, que passavam o dia inteiro sentadas aqui e ali sem fazer nada, iam ficando chupadas e feias por causa da sua maldade.

Como foi que tudo isso acontece? As coisas teriam sido diferentes sem a boneca. Sem a ajuda dela e a menina nunca teria dado nota de tanto trabalho. Havia alguns dias que Vasilisa não comia nada de nada. Esperava até que todos estivessem na cama e então se trancava no quarto onde dormia. Dando à boneca um gostoso petisco, dizia: “Coma isto, bonequinha, e ouça meus infortúnios. Moro na casa de meu pai, mas estou privada de alegria. Essa minha madrasta vai ser a minha morte. Diga-me como eu deveria viver e o que deveria fazer.” Primeiro a boneca comia, depois aconselhava Vasilisa e a consolava em seu sofrimento. De manhã, ela cuidava de todos os serviços enquanto Vasilisa descansava na sombra e colhia flores. A boneca arrancava as ervas daninhas dos canteiros, regava os repolhos, ia buscar água no poço e acendia o fogão. Chegou a mostrar a Vasilisa uma erva que a protegeria contra queimaduras de sol. Graça à boneca, a vida de Vasilisa era fácil.

Os anos se passaram e Vasilisa cresceu, chegando à idade de se casar. Todos os rapazes da aldeia queriam se casar com ela, e não davam nem uma olhadinha para as filhas da madrasta. A madrasta passou a detestar Vasilisa ainda mais. Declarava a todos os pretendentes: “Não pretendo casar a caçula antes das mais velhas”. Depois descarregava sua raiva dando bofetadas cruéis em Vasilisa.

Um dia o pai Vasilisa teve de partir para terras distantes numa longa viagem de negócios. A madrasta mudou-se para uma outra casa à beira de uma densa floresta. Numa clareira dessa floresta havia uma choupana, e na choupana morava Baba lara, que nunca permitia a ninguém chegar perto dela e comia pessoas como se fossem frangos. A mulher do negociante tinha tal ódio de Vasilisa que, nanava casa, costumava mandar a enteada entrar na mata para buscar uma coisa ou outra. Mas Vasilisa sempre voltava sã e sala. Sua boneca lhe mostrava o caminho e a mantinha longe da choupana de Baba laga.

Numa noite de outono a madrastra deu um serviço para cada uma das filhas. Disse à mais velha para fazer renda, mandou a segunda cerzir meias e Vasilisa, fiar. Depois apagou todas as velas da casa, menos a que estava no quarto onde as meninas trabalhavam. Por algum tempo elas executaram suas tarefas tranquilamente. Depois a vela começou a fumar. Uma das irmãs postiças pegou uma tesoura e fingiu aparar o pavio, mas o que fato fez, seguindo as ordens da mãe, foi apagar a vela, como se por acidente.

“E agora, o que vamos fazer?” disseram as irmãs postiças. “Não há luz na casa, e não estamos nem perto de terminar nossos serviços. Alguém tem de correr à casa de Baba Iaga para buscar fogo”

“Eu não vou”, disse a moça que estava fazendo renda, “pois consigo ver com a luz de meus bilros.”

“Eu não vou”, disse a moça que estava cerzindo meias, “pois consigo ver com a luz de minhas agulhas de tricô.”

“Isso significa que você tem de ir.”, ambas gritaram para a irmã postiça. “Depressa! Vá visitar sua amiga Baba Iaga!” E empurravam Vasilisa porta afora.

Vasilisa foi para o seu quartinho, arrumou a ceia que preparara para sua boneca, e disse: “Vamos, bonequinha, coma e me ajude na minha aflição. Elas querem que eu vá buscar fogo na casa de Baba Iaga, e ela vai me comer.” A boneca ceou. Seus olhos reluziam como duas velas. “Não tenha medo, Vasilisuchka”, ela disse. “Vá aonde a mandam ir. Só não esqueça e me levar com você. Se eu estiver no seu bolso, Baba Iaga não poderá lhe fazer mal.”

Vasilisa preparou-se para sair, pôs a boneca no bolso e fez o sinal da cruz antes de partir para a espessa floresta. Tremia de medo ao caminhar pela mata. De repente um cavaleiro passou a galope por ela. Seu rosto era branco, estava vestido de branco e montava um cavalo branco com rédeas e estribos brancos.

Depois disso, tudo começou a clarear.

Vasilisa penetrou ainda mais na floresta, e um segundo cavaleiro passou a galope por ela. Seu rosto era vermelho, estava vestido de vermelho, e montava um cavalo vermelho. Depois o sol começou a despontar.

Vasilisa andou a noite inteira e o dia inteiro. Tarde na segunda noite, chegou à clareira onde ficava a choupana de Baba Iaga. A cerca em torno dela era feita de ossos humanos. Caveiras, com buracos no lugar dos olhos, miravam das estacas. O portão era feito com os ossos de perna humana; os ferrolhos eram feitos de mãos humanas; e o cadeado era um maxilar com dentes afiados. Apavorada, Vasilisa ficou pregada no lugar.

De repente mais um cavaleiro passou a galope por ela. Seu rosto era negro, estava vestido de negro e montava um cavalo negro. Ele galopou até a porta de Baba Iaga e desapareceu, como se a terra o tivesse engolido. Depois caiu a noite. Mas não ficou escuro por muito tempo. Os olhos de todas as caveiras começaram a brilhar, e a clareira ficou iluminada como o dia. Vasilisa arrepiou-se de terror. Queria fugir dali, mas não sabia para que lado ir.

Fez-se um barulho medonho na mta. As árvores estalaram e gemeram. As folhas secas farfalharam e chiaram. Baba laga apareceu, voando num almofariz que esporeava com seu pilão e varrendo seus rastros com uma vassoura. Avançou até o portão, parou e farejou o ar à sua volta. "Fum, fum! Este lugar está cheirando a menina russa! Quem está aí?"

Tremendo de medo, Vasilisa aproximou-se da velha bruxa, fez uma profunda reverência e disse: "Sou eu, vovó. Minhas irmãs postiças me mandaram buscar fogo."

"Pois não", disse Baba laga. "Conheço suas irmãs muito bem. Mas antes de eu lhe dar fogo você deve ficar aqui e trabalhar aqui. Senão, vou comê-la no jantar." Em seguida virou-se para o portão e gritou: "Desaferrolhai-vos, meus fortes ferrolhos! Abri-vos, meus largos portões!" Os portões se abriram e Baba laga entrou, conduzido seu almofariz com um assobio estridente. Vasilisa seguia-a e depois tudo voltou a se fechar.

Baba laga entrou na choupana, estirou-se num banco e disse a Vasilisa: "Estou com fome. Traga-me o que estiver no forno!" Vasilisa foi acender uma vela nas caveiras na cerca e começou a servir a Baba laga a comida tirada do forno. Havia o bastante para alimentar dez pessoas. Trouxe *kvas*, hidromel, cervejas vinho da adega. A velha comeu e bebeu tudo que foi posto diante dela, só deixando para Vasilisa uma tigela de sopa de repolho, uma crosta de pão e uma sobra de porco.

Baba laga preparou-se para dormir e disse: "Amanhã, depois que eu sair, trate de varrer o quintal, limpa a choupana, fazer o jantar, lavar a roupa e ir até a tulha catar um alqueire de trigo. E se não tiver terminando quando eu voltar, como você!" Depois de dar as ordens, Baba laga pôs-se a roncar. Vasilisa tirou a boneca do bolso e pôs os restos da comida de Baba laga diante dela. "Pronto, boneca, coma um pouco e me ajude! Baba laga deu-me tarefas impossíveis e ameaçou me comer se eu não cuidar de tudo. Ajude-me."

À boneca respondeu: "Não tenha medo, Vasilisa, a Bela! Jante, faça suas preces e vá dormir. Uma noite bem-dormida é o melhor conselheiro."

Vasilisa levantou cedo. Baba laga já estava de pé, andando de um lado para outro. Quando Vasilisa olhou pela janela, viu que as luzes nos olhos das caveiras estavam se apagando. Então o cavaleiro branco passou por ali galopando e o dia rompeu. Baba laga foi até o quintal e deu um assobio. Seu almofariz, pilão e vassoura apareceram. O cavaleiro vermelho passou por ali como um relâmpago e o sol despontou. Baba laga sentou-se em seu almofariz, esporeou-o com seu pilão e saiu varrendo seus rastros com a vassoura.

Sozinha. Vasilisa correu os olhos pela choupana e Baba laga. Nunca tivera tantas coisas para fazer em sua vida e não conseguia decidir por onde começar. Mas, vejam só, o trabalho já estava todo feito! A boneca estava catando os últimos pedacinhos de palha do trigo. "Você me salvou!" Vasilisa disse à boneca. "Se não fosse por você, eu seria devorada esta noite."

“Agora tudo que tem a fazer é preparar o jantar.”, disse a boneca enquanto subia para o bolso da menina. “Trate de cozinhá-lo com a benção de Deus e depois descanse um pouco para ficar forte.”

Ao pôr do sol Vasilisa arrumou a mesa e esperou por Baba laga. Escureceu e, quando o cavaleiro negro passou galopando, a noite caiu. A única luz vinha das caveiras na cerca. As árvores estalaram e gemeram; as folhas secas farfalharam e chiaram. Baba laga estava chegando. Vasilisa saiu ao seu encontro. “Todo o serviço foi feito?” Baba laga perguntou. “Veja com seus próprios olhos, vovó”, Vasilisa respondeu:

Baba laga percorreu toda a choupana. Ficou aborrecida por não ter nada do que se deixar, e disse: “Muito bem.” Em seguida gritou: “Minhas servidoras fieis, minhas amigas queridas, moei o trigo!” Três pares de mãos apareceram. Pegaram o trigo e desapareceram com ele. Baba laga comeu até se fartar, aprontou-se para dormir e mais uma vez deu tarefas para Vasilisa. “Amanhã”, ordenou, “faça exatamente como hoje. Depois tire as sementes de papoula da tulha e espane a poeira, grão por grão. Alguém jogou poeira nas telhas só para me aborrecer.” Baba laga se virou e se pôs a roncar.

Vasilisa foi dar comida para sua boneca, que comeu tudo na frente e repetiu as mesmas palavras que dissera no dia anterior. “Reze a Deus e vá dormir. Tudo será feito, Vasilisuchka.”

Na manhã seguinte Baba laga partiu outra vez em seu almofariz. Como a ajuda da boneca, Vasilisa terminou o serviço num piscar de olhos. A bruxa velha retornou ao entardecer, examinou tudo e exclamou: “Minhas servidoras fiéis, minhas amigas queridas, espremei o óleo destas sementes de papoula.” Três pares de mãos apareceram, pegaram o caixote de sementes de papoula e desapareceram com ele. Baba laga sentou-se para jantar. Enquanto comia, Vasilisa permaneceu em silêncio perto dela.

“Por que não fala comigo?” Baba laga perguntou. “Fica aí como se fosse que gostaria de perguntar.”

“Não me atrevo a falar”, disse Vasilisa, “mas se me der permissão, há algo que gostaria de perguntar.”

“Pergunte à vontade!” disse Baba laga, “Mas tome cuidado. Nem toda pergunta tem uma boa resposta. Se souber muito, ficará velha logo.”

“Oh, vovó, só quero perguntar sobre algumas coisas que vi no caminho para cá. Quando estava vindo para cá, um cavaleiro com o rosto branco, montando um cavalo branco e vestido de branco me alcançou. Quem era ele?”

“Aquele era o dia claro”, Baba laga respondeu.

“Depois um outro cavaleiro me alcançou. Tinha um rosto vermelho, montando um cavalo vermelho e estava vestido de vermelho. Quem era ele?”

“Aquele é meu sol vermelho.”, Baba laga respondeu.

“Então quem era o cavaleiro negro que encontrei junto ao seu portão, vovó?”

“É minha noite escura. Todos os três são meus fiéis servidores.”

Vasilisa lembrou-se dos três pares de mãos, mas ficou de boca calada.

“Não quer perguntar mais nada?” indagou Baba Iaga.

“Não, vovó, isto é o bastante. Você mesma disse que quanto mais se sabe, mais depressa se envelhece.”

“Você é bem ajuizada”, disse Baba Iaga, “perguntando só sobre coisas que viu fora da minha casa, não dentro dela. Não gosto que saibam dos meus assuntos, e quando as pessoas ficam curiosas demais, eu as devoro. Agora teho uma pergunta para você. Como conseguiu fazer todo o trabalho tão depressa?”

“Fui ajudada pela benção de minha mãe”, disse Vasilisa.

“Ah, então foi assim! Baba Iaga deu um grito estridente. “Fora daqui, filha abençoada! Não quero ninguém abençoado na minha casa.” Arrastou Vasilisa para fora do quarto e a empurrou portão afora. Depois pegou umas das caveiras de olhos flamejantes da cerca, espetou-a na porta de uma vara e deu-a à menina, dizendo:

“Aqui tem fogo para suas irmãs postiças. Tome-o. Foi isto que veio buscar, não foi?”

Vasilisa correu para casa, usando o fogo da caveira para iluminar o caminho. Ao alvorecer o fogo se extinguiu e ao anoitecer ela chegou em casa. Quando estava se aproximando do portão, quase jogou a caveira fora achando que àquela hora suas irmãs postiças já tinham arranjado fogo, mas ouviu uma voz abafada vindo da caveira: “Não me jogue fora. Leve-me para sua madrasta.” Ela olhou para a casa da madrasta e, vendo que não havia nenhuma luz na janela, resolveu entrar com a caveira. Pela primeira vez a madrasta e as irmãs postiças a receberam gentilmente. Contaram-lhe que, desde a partida dela, não tinham tido nenhum fogo em casa. Não tinha conseguido acender nenhuma vela sozinhas. Tinha tentado trazer uma acesa da casa dos vizinhos, mas ela se apagava assim que transpunham a soleira.

“Talvez seu fogo dure”, disse a madrasta. Vasilisa entrou em casa com a caveira, cujos olhos começaram a fita a madrasta e as duas irmãs. Aquele olhar começou a queimá-las. Tentaram se esconder, mas os olhos as seguiam aonde quer que fosse. Pela manhã estavam transformadas em três montinhos de cinzas no chão. Só Vasilisa permaneceu intocada pelo fogo.

A menina enterrou a caveira no jardim, trancou a casa e foi para a cidade mais próxima. Uma velha senhora sem filhos deu-lhe abrigo e ali ela ficou morando, esperando a volta do pai. Um dia disse à mulher: “Estou cansada de ficar aqui sem nada para fazer, vovó. Compre para mim o melhor linho que achar. Assim pelo menos posso fiar um pouco.”

A velha senhora comprou do melhor linho das redondezas e Vasilisa pôs-se a trabalhar. Fiava com a rapidez de um raio, e seus fios eram uniformes e finos como cabelo. Fiou uma grande quantidade de fio. Estava na hora de começar a tecê-lo, mas não havia pentes finos o bastante para o fio de Vasilisa e ninguém se dispunha a fabricar um. Vasilisa pediu ajuda à boneca. A boneca disse: “Traga-me um pente velho, uma lançadeira velha e



uma crina de cavalo. Farei um tear para você.” Vasilisa fez o que a boneca disse, foi dormir e na manhã seguinte encontrou um maravilhoso tear à sua espera.

Antes que o inverno terminasse o linho estava tecido. Era tão fino que passava pelo buraco de uma agulha. Na primavera o linho foi alvejado, e Vasilisa disse á velha senhora: “Vovó, venda este linho e guarde o dinheiro para você.”

A velha senhora contemplou o tecido e perdeu a respiração. “Não, minha filha. Ninguém pode usar um linho este a não ser o czar. Vou levá-lo para o palácio.”

A velha senhora foi até o palácio do czar\* e começou a andar para lá e para cá sob as janelas. O czar a viu e perguntou: “O que você quer, vovó?

“Vossa majestade”, ela responde, “trouxe uma mercadoria rara. Não quero mostrá-la a ninguém senão a vós.”

O czar ordenou que levassem a velha à sua presença e, quando ela lhe mostrou o linho, ele o admirou assombrado. “O que quereis por ele?” perguntou.

“Não posso cobrar nenhum preço por ele, paizinho czar! É um presente.” O czar agradeceu e cobriu-a de mimos.

O czar mandou que fossem feitas camisas do linho. Elas foram, mas ninguém conseguiu encontrar uma costureira disposta a costurá-las. Por fim ele convocou a velha senhora e disse: “Você foi capaz de fiar e tecer este linho; Deve ser capaz de costurar camisas com ele para mim.”

“Não fui eu quem fiou e teceu este linho, Vossa Majestade”, disse mulher. “Isto é obra de uma moça a quem dei abrigo.”

“Muito bem, então que ela costure as camisas”, o czar ordenou.

A velha senhora voltou para casa e contou tudo a Vasilisa. “Eu sabia o tempo todo que teria de fazer esse trabalho”, Vasilisa lhe disse. E, trancando-se em seu quarto, pôs-se a costurar. Trabalhou sem parar e logo uma dúzia de camisas estava pronta.

A velha senhora levou as camisas ao czar. Vasilisa se banhou, penteou o cabelo, vestiu suas melhores roupas e se sentou junto à janela para ver o que aconteceria. Viu um dos servos do czar entrar no pátio. O mensageiro foi até a sala e disse: “Sua Majestade quer conhecer a costureira que fez suas camisas e recompensá-la com suas próprias mãos.”

A menina compareceu perante czar. Quando ele viu a Vasilisa, a Bela, apaixonou-se perdidamente. “Não, minha bela”, disse. “Nunca deixarei. Será a minha esposa.”

O czar tomou as belas mãos brancas de Vasilisa e a fez sentar-se ao seu lado. O casamento foi celebrado imediatamente. Logo depois o pai de Vasilisa regressou. Ficou radiante com a boa fortuna da filha e foi morar na casa dela. Vasilisa levou também a velha senhora para sua casa e carregou a boneca no bolso até o dia da sua morte.

## REFERÊNCIAS

ANAZ, S. A. L. **Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e série.** Significação, São Paulo, v. 47, n. 54, p. 251-270, jul-dez. 2020.

BRUNI, R. C. S. A importância os contos de fadas como ferramenta psicoterápica no resgate do feminino em mulheres contemporâneas. Psicologia. O portal dos psicólogos, 2016, p. 1-20.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos:** mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução de Waldéa Barcellos; Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FEIST, J.; FEIST, G.J.; ROBERTS, T.A. **Teorias da Personalidade.** Tradução: Sandra Maria Mallman. – 8 ed. – Porto Alegre: AMGH, 2015.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Obras completas, vol. IX/1 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NASH, R. H. **A Teoria das Formas de Platão.** Ronald H. Nash. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto, 2007. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/filosofia/teoria-formas-platao\\_nash.pdf](http://www.monergismo.com/textos/filosofia/teoria-formas-platao_nash.pdf) <acesso em 12 de março de 2023>

NEUMANN, E. **A grande mãe:** um estudo histórico sobre arquétipos os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente. Tradução: Fernando Pedrosa de Mattos e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 2021.

SERBENA, C. A. **Considerações sobre o inconsciente:** mito símbolo e arquétipo na psicologia analítica. Revista da Abordagem Gestáltica – XVI(1): 76-82, jan-jul, 2010, p. 76-82.

TATAR, M. **Contos de fadas.** Edição Comentada e ilustrada. 2 ed. : São Paulo, 2015.